

# NO CENTENÁRIO DA ABOLIÇÃO

## NEGRITUDE NÍTIDA E NÉVOA BRANCA

**Paulo de Tarso Gomes**

Instituto de Filosofia – PUCCAMP

Um patuá trazido de Gantois, um disco de jazz, um garoto elástico reagindo a um rap e Vila Isabel em plena Kizomba. O elo de tudo isso: a cor, a contribuição da cultura negra para a civilização ocidental.

Não consta porém, na história das Américas e deste Brasil, que a caça e escravização de negros africanos fizesse parte de um projeto cultural que buscasse a homogeneização do saber humano.

Ao contrário, a presença dos negros nessas paragens é marcada por duas incompetências enormes de que foram vítimas: incompetência tecnológica e incompetência social.

A primeira se refere à utilização do negro como máquina e combustível da empresa colonial. À carência de melhor tecnologia, recorreu-se ao braço, corpo, mente e alma do negro como solução.

Esse recurso implicou no processo de redução do negro de sujeito a objeto. A idéia era usar seu corpo, tomando-o como animal. A mente foi selada com a violência. A alma teologicamente cassada.

E como toda máquina um dia se torna obsoleta, chegou o dia do negro: construído o Brasil, e não sendo mais de interesse econômico ou político, o negro recebeu seu "muito obrigado" na abolição, foi posto na rua com as últimas chicotadas ainda ardendo, acompanhado de negras grávidas dos últimos mulatos da escravidão, provas materiais de nossa democracia racial.

A segunda incompetência, a social, talvez tenha sido mais dramática: decretada a abolição, somente anos depois o país foi redescobrir que tinha negros, e que talvez eles tivessem direitos. Surgiu a lei Afonso Arinos.

A incompetência social se verificou num tipo de marginalização que não precisou de brutalidades explícitas, "like american way of Ku-Klux-Klan". Ignorar o negro foi uma atitude mais eficaz, e provavelmente, mais assassina.

Se bandidos são presos, delinqüentes são mortos, ninguém pergunta sua cor. Todos já sabem, ou imaginam. Evita-se assim o mal-estar.

Num contexto desses, a humanidade do negro tinha que gritar. Um grito assassinado, um grito reprimido, que explodiu para dentro de duas formas: violência e consciência. A primeira, para satisfazer as expectativas dos brancos. A segunda, para satisfazer as expectativas dos negros, virou movimento, virou negritude.

Negritude. A encantadora abstração que no “universo branco” se reveste do “charme” da mulata, da “ginga” do jogador de futebol e da brasilidade característica do carnaval, do samba, da arte. (Religião não! Religião afro-brasileira é sincretismo, é vergonhosa, porque é ignorância e primitivismo do nosso povo).

Negritude. Para o negro é a única via de se reencontrar como humano. Restou a mãe África – numa sorte melhor que a do índio – e dela, a vaga lembrança do que é ser humano, não ser discriminado.

Mas a emergência da negritude não só evoca a necessidade de ser negro, como nos faz indagar pela existência de uma contrapartida, de uma “branquitude” que explique o porquê de, no passado, a negritude ter submergido.

O mito do negro-animal teve sucesso porque horrorizava ao branco europeu a “barbaridade”, “primitividade” e “nudez” do negro. Nele se projetou a animalidade e selvageria que contra ele foram exercidas.

Tão arraigada permaneceu essa crença no negro animal, que a ingenuidade infantil, ao se apelidar por raças, chama o garoto loiro de olhos azuis de “alemão”, o de cabelos pretos e olhos puxados de “japonês” e o garoto negro, freqüentemente, de “macaco”.

Para além da maldade infantil está a habilidade da dinâmica social em formar o marginal negro nas universidades do morro e do subúrbio, para depois poder prendê-lo, em conformidade à lei, ou matá-lo, à revelia de lei.

A imaginação ‘popular’ confere os paradigmas de assaltante e prostituta ao negro, à negra (mulata é o “for export”), nunca ao colarinho branco, à ‘modelo’ branca.

O estigma que é construído na imaginação, é eficientemente consolidado na realidade. Eis, enfim, a competência da branquitude.

Como explicar tal competência, se a branquitude não é movimento? Inexistem “Centros de Consciência Branca”. Há, entretanto, consciências em branco, prontas a receber qualquer conteúdo que ali se despeje. Ávidas para encontrar uma minoria onde possam se exorcizar de seus males.

Por essa via, a consciência branca realiza prodígios de conhecimento insuspeitados ao transcendental Kant. Sua intuição é tão

imediate que da cor vê a alma. Caso único de acesso direto ao nómeno pelo fenômeno. Quem mais poderia, a partir da cor, desvendar o mistério da pessoa humana?

A consciência branca é tomada de "espanto e admiração" ante a "contribuição cultural do negro". E a negritude vai logo sendo associada ao menu de opções sociais do negro: futebol, samba, artes... E voltamos à abstração.

Mas a dor sofrida não é nem espanto, nem admiração, sequer angústia, de modo que, ou o negro emerge da consciência branca que tentam lhe impor — e muitas vezes conseguem — ou permanece no lugar que lhe é reservado no Brasil pós-abolição: a margem, como "cultura alternativa"; ou o para lá da margem, como não-pessoa.

O incômodo é a negritude não querer se restringir à 'super-estrutura'. Por que a consciência branca não fala da contribuição econômica do negro no presente?

Saudades da África não é só saudades dos ritos, danças e culinária, é saudades de uma posse da terra, de um modo tribal de vida e produção: um sistema primitivo demais para nosso capitalismo mundial, mas, para o negro, mais vantajoso ainda que a marginalização.

Se ao negro mudo sucedeu o negro paternalizado sentindo-se no direito de receber "tudo o que os brancos nos tomaram" — a percepção de que a sociedade branca não atende hoje nem à maioria dos brancos, faz logo concluir que a reclamação ressentida vai ecoar no vazio.

Portanto, a negritude começa a rumar para o que sempre foi a chave da presença do negro: sua participação na produção e resultados da vida econômica do país. Aí a negritude não é minoria ou cultura alternativa: se identifica com a maioria da população brasileira, com o acréscimo da cor aos fatores de marginalidade.

É este lado comprometido com a vida econômica que a consciência branca se nega a conceder à negritude como abstração. Que o negro faça sua música, seu carnaval, sua arte. Que existam movimentos de consciência negra, como minorias de artistas e intelectuais exóticos na maneira de vestir e falar. Até que estes negros falem das injustiças do **passado**. Mas, **no presente**, o negro deve se contentar com a cidadania e humanidade que a cultura branca lhe deu. Afinal, o negro só evoluiu na medida em que embranquece a consciência.

Em contraposição, a negritude deixa de ser uma qualidade abstrata para ganhar corpo como luta pelo direito do negro brasileiro ser humano e participante desta sociedade.

A arte da sociedade brasileira foi até aqui a dissimulação de conflitos: fingir que o céu é anil porque rima com Brasil.

As crises econômicas, políticas, morais, pela quais o país normalmente convive fazem perceber que essa pátria pacífica e aberta a todos é uma ficção infeliz.

Ao resgatar sua identidade, o negro resgata as diferenças, os conflitos latentes. Desvenda-se nossa forma dissimulada de apartheid, onde o negro não é marginalizado, mas o marginal, por um desafio às leis de probabilidade, é quase sempre, e sempre, negro.

À medida que o negro consegue confiar mais no negro que no branco, a democracia racial começa a ser testada.

Neste teste, a consciência branca irá sempre, por todos os meios, refutar as acusações, válidas ou inválidas, da consciência negra. O dogma da consciência branca é que ela conferiu humanidade à consciência negra: como poderá se aceitar preconceituosa, discriminadora?

O fato é que o negro nunca deixou de ser humano, já o branco, enquanto desumanizador do negro, achou por bem abdicar de sua humanidade em vista da exploração, com o intuito de bestializar o negro, e ter dele a produção desejada.

Por essa razão, a “recuperação” da humanidade do negro não passa pela consciência branca: ela terá que ser imposta pelo negro a si mesmo, num esforço de negar a ideologia da escravidão e da marginalidade que a sociedade branca lhe fez engulir ao longo de quatro séculos.

A alteração da consciência negra implica em conflito com e para a consciência branca. Esta terá que aceitar sua animalidade, sua violência, parar de projetá-las e construí-las nos negros, se quiser se re-humanizar.

O ser humano também é violento, também é irracional, também é bestial. Muitas guerras entre brancos nos recordam que tais características não são exclusividade dos negros.

Por outro lado, o ser humano pode ser cooperativo, justo, lutador, construtor de ideais, como nos ensinam os quilombos.

Estas ambivalências são características dessa instância superior que é a consciência humana, sempre provisória e inconsciente.

O branco, ao reduzir o negro de sujeito a objeto, de humano a animal, não percebeu que foi se animalizando, bestializando, transformando-se ele mesmo num animal pior que o que quis implantar no negro.

Resta agora participar e esperar que o caminho da negritude faça entrever o caminho a ser percorrido para a reumanização, para que a consciência humana seja devidamente enegrecida por pessoas como Mandela e Zumbi.

**BIBLIOGRAFIA**

- FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. São Paulo, EDUSP, 1965.
- PRADO Jr., Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. 18 ed. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- RIBEIRO, Darcy. **Os Brasileiros: 1. Teoria do Brasil**. 9.ed. Petrópolis, Vozes, 1978.